

DOSSIÊ – CUIDADO DE SI NO ÚLTIMO FOUCAULT – APRESENTAÇÃO

MICHEL FOUCAULT E A CONSTRUÇÃO CONCEITUAL DO CUIDADO DE SI

Sílvio Gallo¹

Após a publicação o primeiro volume (intitulado *La volonté de savoir*) de sua *História da sexualidade* em 1976, Michel Foucault só publicaria o segundo (*L'usage des plaisirs*) e o terceiro (*Le souci de soi*) volumes em 1984, às vésperas de sua morte. Um quarto volume (*Les aveux de la chair*) o autor não teve tempo de finalizar a revisão e permaneceu inédito, até ser publicado na França em fevereiro de 2018, completando o plano da obra.

O interesse de Foucault pela temática da sexualidade era antigo. A recente publicação, em outubro de 2018, de dois cursos da década de 1960 o atestam. Em 1964, ele ofereceu um curso na Universidade de Clermont-Ferrand intitulado *A sexualidade*. Naquela ocasião, explorou a emergência de uma consciência sobre a sexualidade no ocidente, constituindo saberes específicos sobre as práticas sexuais. Ao longo das cinco aulas, tratou de temas como o conhecimento científico da sexualidade, passando pela biologia, pela etologia e pela psicanálise, desenvolveu uma análise aprofundada dos comportamentos sexuais, tratou da problemática da perversão e suas relações com a chamada “normalidade”, e, de forma bastante incomum para a época, realizou uma exploração do tema da sexualidade infantil. Em 1969, em sua breve passagem pela Universidade de Vincennes, da qual foi um dos criadores do Departamento de Filosofia, ofereceu o curso *O discurso da sexualidade*. Ali, já sob o impacto do maio de 1968 e da “revolução sexual”, sete aulas exploraram as mudanças pelas quais passou um certo “discurso sobre a sexualidade” ao longo do século XVIII, mostrando já o germe da analítica que veríamos no primeiro volume da *História da sexualidade*. As três primeiras aulas exploram a problemática dos discursos sobre a sexualidade, preparando o terreno para uma análise das formas jurídicas do casamento (na quarta aula), de um processo de “epistemologização” da sexualidade (na quinta aula), interrogando-se sobre o que deveria ser uma arqueologia da sexualidade. A sexta aula debruça-se sobre a biologia da sexualidade, como saber central na modernidade ocidental para, na sétima e última aula, explorar as “utopias sexuais”, marcadamente aquelas de Sade, Comte, Fourier e La Bretonne, para em seguida discutir a dupla utopia presente na obra de Marcuse e a liberação da sexualidade da alienação social. Vê-se, então, que anos antes da concretização do projeto de uma História da sexualidade, o tema já estava nas preocupações do filósofo.

Mas o que nos interessa aqui não é diretamente o tema da sexualidade e de sua história, senão um dispositivo que Foucault encontrou em textos gregos antigos ao levar sua investigação para as práticas sexuais antigas. O terceiro volume de sua pesquisa histórica, conforme indicado, recebeu por título *Le souci de soi*, tradução proposta por Foucault para um princípio prático que ele descobriu nos textos gregos antigos, denominado *epimeleiaheautou*. O segundo e o terceiro volumes da *História da sexualidade* foram rapidamente traduzidos no Brasil, talvez pelo apelo de mídia que significou a morte de Foucault quase que ao mesmo tempo do aparecimento dos livros na França; o segundo volume em português saiu no mesmo ano de 1984 e o terceiro volume foi publicado em 1985. Na página 49 da primeira edição do terceiro volume, no capítulo que trata da cultura de si e em que a noção de *souci de soi* é introduzida,

¹ Professor Titular da FE – Unicamp (Depto de Filosofia e História da Educação) e pesquisador do CNPq. E-mail: gallo@unicamp.br.

vemos a seguinte nota do tradutor, em pé de página: “a palavra ‘*souci*’ será sempre traduzida por cuidado; palavra ‘*soin*’ por cuidados; e a palavra ‘*préoccupation*’ por preocupação”.

Essa opção e tradução foi mantida nas publicações seguintes de textos de Foucault em português que tratam do *souci de soi*, que se convencionou desde então denominar em português “cuidado de si”. Uma observação se faz necessária. A palavra francesa para cuidado é *soin*; *souci*, segundo o Dicionário Le Robert, significa “*préoccupation inquiète à propos de qqn ou de qqch*” (“preocupação inquieta a propósito de alguém ou de alguma coisa”). Pode-se dizer que enquanto cuidado implica em ações de natureza mais material, como, por exemplo, cuidados com o corpo, cuidados de higiene, cuidados médicos e assim por diante, *souci* remete a uma preocupação de natureza mais “espiritual”, uma inquietação do espírito relativa a alguma coisa. De modo que, ao traduzir a expressão grega *epimeleiaheautou* por *souci de soi*, Foucault tinha em mente essa ideia de preocupar-se consigo mesmo, inquietar-se consigo. Mais uma atividade do espírito, uma disposição psíquica, do que uma ação física de cuidar do corpo, portanto.

Não se pretende aqui sugerir o abandono da expressão “cuidado de si”, já cristalizada na versão brasileira da obra de Foucault, mas salientar que ao lermos cuidado de si, devemos ter em conta esse sentido menos usual no português corrente do cotidiano, compreendendo cuidado como uma inquietude, uma inquietação, uma preocupação consigo mesmo. Inquietude que se desdobra, como veremos, em ação, mas que não pode ser separada deste primeiro aspecto, essencial.

No capítulo sobre a “cultura de si” do terceiro volume da *História da sexualidade* assim Foucault introduz a noção de cuidado de si:

Pode-se caracterizar brevemente essa “cultura de si” pelo fato de que a arte da existência – a *technetoubiou* sob as suas diferentes formas – nela se encontra dominada pelo princípio segundo o qual é preciso “ter cuidados consigo”; é esse princípio do cuidado de si que fundamenta a sua necessidade, comanda o seu desenvolvimento e organiza a sua prática. (FOUCAULT, 1985b, p. 49).

Após afirmar que essa noção é bastante antiga na cultura grega e que foi muito difundida, Foucault aplica-se em mostrar sua recorrência: Xenofonte, Plutarco, Sócrates, os platônicos, Epicuro e os epicuristas, Zenão e, atravessando a cultura latina sob a forma da *cura sui*, ela se encontra também em Sêneca, Epicteto, Musonius Rufus, Marco Aurélio... Para além da filosofia, o cuidado de si aparecia também como um princípio importante no campo da medicina, sendo Galeno um dos expoentes de seu uso.

A perspectiva do cuidado de si, porém, não ficava restrita aos domínios da filosofia e da medicina, mas atravessava toda a vida grega e depois romana, gerando uma “cultura de si”, na qual a preocupação consigo mesmo era o centro de uma arte da existência, uma forma de viver e conviver com os outros. Foucault assinalou:

Mas que os filósofos recomendem cuidar-se de si não quer dizer que esse zelo esteja reservado para aqueles que escolhem uma vida semelhante à deles; ou que uma atitude só seja indispensável durante o tempo que se passe junto a eles. É um princípio válido para todos, todo o tempo e durante toda a vida. (FOUCAULT, 1985b, p. 53).

Outro destaque importante: ainda que o termo grego *epimeleia* tenha o sentido de uma preocupação, ele designa uma série de atividades. Preocupar-se consigo implica em agir sobre si mesmo.

É preciso compreender que essa aplicação a si não requer simplesmente uma atitude geral, uma atenção difusa. O termo *epimeleia* não designa simplesmente uma preocupação, mas todo um conjunto de ocupações; trata-se de *epimeleia* quando se fala para designar as atividades do dono-de-casa, as tarefas do príncipe que vela por seus súditos, os cuidados que se deve ter para com um doente ou para com um ferido, ou ainda as obrigações que se prestam aos deuses ou aos mortos. Igualmente, em relação a si mesmo, a *epimeleia* implica um labor. (FOUCAULT, 1985b, p. 55-56).

O cuidado de si implica, pois, um trabalho de si sobre si mesmo. É preciso estar inquieto consigo mesmo, atento ao que se passa consigo, para que se possa agir, transformar-se. Foucault destaca a importância de conhecer a si mesmo, para que se possa cuidar de si, estabelecendo o vínculo entre dois princípios: o *gnothiseauton* (conhece-te a ti mesmo) e a *epimeleiaheatou*. E tal trabalho sobre si mesmo só é possível através de uma espécie de conversão: um trabalho de conversão a si mesmo, isso é, mudar o foco do mundo exterior para si mesmo sem, claro, deixar de estar atento ao mundo. Tal processo é de grande importância, visto que é ele que possibilita uma ação de subjetivação, isso é, um trabalho do sujeito sobre si mesmo, constituindo-se a si mesmo a partir das determinações nas quais vive e age. Este processo de subjetivação implica, pois, numa ética, aqui compreendida como o processo de constituição de si mesmo, de ação sobre si mesmo.

Essa relação consigo, que constitui o termo da conversão e o objetivo final de todas as práticas de si, diz respeito ainda a uma ética do domínio [...] através dessa forma, antes de mais nada política e jurídica, a relação consigo é também definida como uma relação concreta que permite gozar de si como que de uma coisa que ao mesmo tempo se mantém em posse e sob as vistas [...] E a experiência de si que se forma nessa posse não é simplesmente a de uma força dominada, ou de uma soberania exercida sobre uma força prestes a se revoltar; é a de um prazer que se tem consigo mesmo. Alguém que conseguiu, finalmente, acesso a si próprio e, para si, um objeto de prazer. (FOUCAULT, 1985b, p. 70).

O objetivo de Foucault ao tratar do cuidado de si no terceiro volume da *História da sexualidade* não foi o de uma análise conceitual; seu olhar estava voltado para as práticas e técnicas de ação sobre si mesmo que se desenvolveram em torno deste princípio, de modo a compreender como na antiguidade greco-romana e nos primeiros séculos de nossa era a sexualidade era vivida. O trato conceitual do cuidado de si ficou restrito a este capítulo sobre a cultura de si.

Para conhecer um pouco melhor seu trabalho investigativo sobre o tema, seria necessário esperar uma década: em 1994, com o lançamento dos *Dits et écrits*, compilação de artigos e entrevistas de Foucault ao longo de sua carreira. Alguns textos de seminários e algumas entrevistas entre 1980 e 1984 aportaram novos elementos para compreender seu trabalho em torno das técnicas de si, das artes da existência, tendo como centralidade o cuidado de si. Deste conjunto de textos, destaco: *A escrita de si*; *O uso dos prazeres e as técnicas de si* (1983); *Política e ética: uma entrevista*; *A ética do cuidado de si como prática de liberdade*; *Uma estética da existência*; *Sobre a genealogia da ética: um resumo sobre um trabalho em curso* (1984); bem como algumas publicações póstumas: *As técnicas de si*; *A tecnologia política dos indivíduos* (1988).²

² Importante ressaltar que na edição brasileira dos *Ditos e Escritos*, que diferentemente da edição francesa optou por uma organização temática dos textos em 10 volumes, os textos citados aparecem no volume V: Ética, Sexualidade, Política e no volume IX: Genealogia da Ética, Subjetividade e Sexualidade.

No resumo do curso de 1981, *Subjetividade e verdade*, Foucault esclarece qual o sentido do estudo do cuidado e das técnicas de si em sua trajetória de pesquisa, articulando esse estudo com suas investigações sobre as relações de poder e a governamentalidade, levadas a cabo na segunda metade da década de 1970:

A história do “cuidado” e das “técnicas” de si seria, portanto, uma maneira de fazer a história da subjetividade; porém, não mais através da separação entre loucos e não loucos, doentes e não doentes, delinquentes e não delinquentes, não mais através da constituição de campos de objetividade científica, dando lugar ao sujeito que vive, que fala e que trabalha. Mas através dos empreendimentos e das transformações, na nossa cultura, das “relações consigo mesmo”, com seu arcabouço técnico e seus efeitos de saber. Seria possível, assim, retomar num outro aspecto a questão da “governamentalidade”: o governo de si por si na sua articulação com as relações com o outro (como é encontrado na pedagogia, nos conselhos de conduta, na direção espiritual, na prescrição dos modelos de vida etc.). (FOUCAULT, 1997, p. 111).

Vê-se, pois, que embora a questão das técnicas e do cuidado de si sejam uma novidade no trabalho do filósofo, ela não deixa de estar relacionada com suas pesquisas anteriores.

Em 1983, durante uma de suas estadas de trabalho nos Estados Unidos, Foucault concedeu a seus anfitriões na Universidade de Berkeley uma longa entrevista, que seria publicada como apêndice à segunda edição do livro em que eles analisam a trajetória filosófica do pensador francês (*Michel Foucault beyond structuralism and hermeneutics*), originariamente publicada nos EUA no mesmo ano e traduzido na França no ano seguinte. *Sobre a genealogia da ética: um resumo sobre um trabalho em curso* seria depois publicada também nos *Ditsetécrits* e faz um interessante balanço do trabalho que Foucault vinha realizando sobre os processos de subjetivação, por derivação de suas pesquisas para a construção da História da sexualidade. Nesta interessante e esclarecedora entrevista, lemos:

O que me interessa na cultura helênica, na cultura greco-romana a partir do século IV antes de Cristo e até os séculos II e III depois de Cristo é esse preceito para o qual os gregos tinham um termo específico, a *epimeleiaheautou*: o cuidado de si. Isso não quer simplesmente dizer interessar-se por si mesmo, e isso não implica também uma tendência a excluir toda forma de interesse ou de atenção que não fosse dirigida para si. *Epimeleia* é uma palavra muito forte em grego, que designa o trabalho, a aplicação, o zelo por alguma coisa. Xenofonte, por exemplo, utiliza essa palavra para descrever o cuidado que convém trazer ao seu patrimônio. A responsabilidade de um monarca em relação a seus concidadãos era da ordem da *epimeleia*. O que um médico faz quando cuida de um doente é também designado como *epimeleia*. É, então, uma palavra que se refere a uma atividade, a uma atenção, a um conhecimento. (FOUCAULT, 2014, p. 228).

Foucault ressalta que essa análise é importante para que possamos desfazer um antigo equívoco, a ideia de que a austeridade para consigo mesmo foi introduzida na cultura ocidental pelo cristianismo. O estudo do cuidado de si na antiguidade clássica e no mundo helênico mostra que uma ética na relação de si consigo mesmo foi produzida pelos gregos e constituiu-se em importante processo de subjetivação, de constituição dos sujeitos. O que o cristianismo faria, séculos depois, seria simplesmente reorientar um conjunto de técnicas de ação sobre si

mesmo para o objetivo último da salvação da alma. Eis a grande transformação que ele operou e que segue impactando o mundo moderno.

Mas, para adentrarmos de fato no amplo universo do cuidado de si tal como estudado por Foucault, teríamos que esperar até 2001, quando foi publicado na França o texto completo do curso *A hermenêutica do sujeito*, apresentado no Collège de France entre 06 de janeiro e 24 de março de 1982.³

Ao longo destas 12 aulas, podemos acompanhar, se forma privilegiada, o intenso trabalho analítico de Foucault em torno da *epimeleiaheautou*. Apresentado como um ponto de partida teórico para estudar as relações entre subjetividade e verdade, o que vinha realizando desde o curso de 1980, o cuidado de si é tematizado no curso em sua centralidade, como um operador conceitual que permite compreender os processos de subjetivação, mas também através do enorme conjunto de práticas e técnicas que garantem seu exercício.

Foucault parte da interrogação pelo esquecimento do cuidado de si no mundo moderno, sua submissão ao conhecimento de si. Nos estudos modernos de filosofia, dá-se enorme ênfase ao princípio délfico do conheça-te a ti mesmo, mas não se fala no cuidado de si. Para Foucault, isso deve-se a um processo de “desespiritualização da filosofia”: se no mundo antigo ela era marcada por aquilo que o historiador da filosofia antiga Pierre Hadot denominou “exercícios espirituais”, com Aristóteles consolida-se uma visão da filosofia como conhecimento orientado pela verdade, que se tornaria a tônica filosófica na modernidade. Estudar o princípio do cuidado de si significa, então, reconhecer a filosofia como uma prática espiritual que incide diretamente nos processos de subjetivação. Ele esclarece o que entende por espiritualidade:

Chamemos “filosofia” a forma de pensamento que se interroga sobre o que permite ao sujeito ter acesso à verdade, forma de pensamento que tenta determinar as condições e os limites do acesso do sujeito à verdade. Pois bem, se a isso chamarmos “filosofia”, creio que poderíamos chamar de “espiritualidade” o conjunto de buscas, práticas e experiências tais como as purificações, as ascetes, as renúncias, as conversões do olhar, as modificações de existência, etc., que constituem, não para o conhecimento, mas para o sujeito, para o ser mesmo do sujeito, o preço a pagar para ter acesso à verdade. (FOUCAULT, 2004a, p. 19).

O que Foucault procura mostrar é que mesmo durante o período de maior expressão do conhece-te a ti mesmo, a filosofia socrática no período clássico, o cuidado de si era parte integrante, necessária e indissociável do conhece-te a ti mesmo, que não deixava de ser uma forma de exercício espiritual.

Ele divide a história do cuidado de si em três grandes períodos: o socrático-platônico, o helenístico e o cristão. Os três períodos são passados em revista por Foucault, com maior ênfase para os dois primeiros; sobre o período cristão são dadas apenas algumas indicações, com menções de que tal período seria tratado em um curso futuro.⁴ Segundo ele, no período socrático-platônico

³ Foucault trabalhou como pesquisador nesta prestigiosa instituição francesa entre 1970 e 1984, tendo como um dos encargos contratuais o oferecimento de um curso por ano, o que fez com exceção de 1977, quando gozou de um ano sabático. As anotações de Foucault para as aulas, juntamente com as gravações das mesmas serviram de base para a fixação dos textos integrais dos cursos. A publicação iniciou-se em 2001 com *L'Hermeneutique du sujet* e encerrou-se em 2014 com *Subjectivité et vérité*. A tradução brasileira de *A hermenêutica do sujeito* apareceu em 2004.

⁴ Convém lembrar que no curso de 1980, *Do governo dos vivos*, Foucault iniciou seus estudos dos processos de subjetivação justamente pelos textos fundadores do cristianismo, analisando a confissão e outras técnicas de si cristãs, temática que serviria de base para o quarto volume da *História da Sexualidade*. Apenas a partir do curso de 1981, *Subjetividade e verdade*, ele começaria a analisar os textos gregos, trabalho ao qual daria continuidade

o cuidado de si estava a serviço do conhecimento de si, enquanto no período cristão ele esteve a serviço da salvação da alma. Apenas no período helenístico o cuidado de si estava orientado por ele mesmo, ganhando centralidade, razão pela qual ele o denomina “idade de ouro do conhecimento de si”. É no período helenístico, através de escolas filosóficas como o estoicismo, o epicurismo e o cinismo (com destaque para as duas primeiras) que o cuidado de si conhece seu maior florescimento e desenvolvimento, motivo pelo qual Foucault dedica diversas aulas do curso a estudar textos de filósofos como Sêneca, Epicuro e Epicteto, dentre outros.

Analisando etimologicamente a expressão *epimeleiaheautou*, Foucault (2004a, p. 106) a apresenta como uma prática de si articulada em torno de quatro famílias de expressões. Ela aparenta-se com uma atitude de atenção, de olhar, de examinar a si mesmo; com uma atitude de voltar-se a si mesmo, converter o olhar para si; com atividades e condutas relativas a si, relacionadas a todo um vocabulário do campo da medicina; e aquelas que indicam uma permanente relação consigo mesmo. Essa análise etimológica mostra toda a extensão do cuidado de si, mostrando sua coextensividade com a vida. A extensa e complexa análise que Foucault empreendeu sobre o cuidado de si neste curso de 1982 revela sua estatura de conceito filosófico. Como ele afirmou ainda na primeira aula, a sua emergência entre os antigos constituiu um verdadeiro “acontecimento no pensamento” (Foucault, 2004a, p. 13).

A questão que se descortina para nós, quando tomamos contato com o esforço analítico de Foucault que nos apresenta o cuidado de si como conceito, é: poderá tal conceito ser ferramenta para a leitura e a intervenção em nosso presente? Para responde-la, precisamos ter em mente dois alertas do filósofo. Primeiramente, no próprio curso de 1982, na aula de 17 de fevereiro, ele afirmou:

[...] é possível suspeitar que haja uma certa impossibilidade de constituir hoje uma ética do eu, quando talvez seja esta uma tarefa urgente, fundamental, politicamente indispensável, se for verdade que, afinal, não há outro ponto, primeiro e último, de resistência ao poder político senão na relação de si para consigo. (FOUCAULT, 2004a, p. 306).

Foucault afirma que não são poucos os esforços contemporâneos para a construção de uma ética do eu, mas eles permanecem vazios, visto que tais esforços não alcançam produzir processos de subjetivação, isto é, possibilidades de ação de si sobre si mesmo e o eu que afirmamos continua a ser um eu assujeitado pelos poderes políticos. Logo, muito longe da cultura de si no mundo antigo por ele estudada.⁵

A segunda advertência, de teor análogo e complementar, está na entrevista de 1983 a Dreyfus e Rabinow já citada. Perguntado se o cuidado de si não seria uma primeira versão de nosso modo contemporâneo de autoconcentração, Foucault responde:

Naquilo que se poderia chamar de culto contemporâneo de si, a aposta é descobrir seu verdadeiro eu, separando-o do que poderia torná-lo obscuro ou

nos anos seguintes, até sua morte em 1984, com extenso material analítico que serviu de base para os volumes dois e três da *História da Sexualidade*.

⁵ Tomo a liberdade de remeter o leitor a duas leituras complementares: o livro de Gilles Lipovetsky, *A sociedade pós-moralista*, no qual se faz uma extensa análise daquilo que o filósofo contemporâneo denomina “ética indolor”, uma vez que se trata de um culto exacerbado ao eu que o coloca para além de todo e qualquer dever. Fica claro o quanto esta perspectiva ética nada tem de relação com aquilo que preconizava Foucault em seus estudos. E um texto que escrevi procurando examinar se o cuidado de si pode ser visto como espécie de reação aos poderes assujeitantes, como um esforço na direção da subjetivação: *Do cuidado de si como resistência à biopolítica*, apresentado no Colóquio Internacional Michel Foucault de 2009 e publicado no livro resultante do evento.

aliená-lo, decifrando sua verdade por meio de um saber psicológico ou de um trabalho psicanalítico. Assim, não somente eu não identifico a cultura antiga de si no que se poderia chamar de culto contemporâneo de si, mas penso que eles são diametralmente opostos.

O que aconteceu foi precisamente uma reviravolta da cultura clássica de si. Ela se deu no cristianismo, quando a ideia de um si ao qual era preciso renunciar – porque, apegando-se a si mesmo, opunha-se à vontade de Deus – se substituiu a uma ideia de um si a construir e a criar como uma obra de arte. (FOUCAULT, 2014, p. 230).

Nesta curta, mas precisa, resposta, temos uma dupla dimensão importante. De um lado, a demarcação da diferença de uma cultura de si antiga para uma cultura de si contemporânea. Na antiga, o foco era a construção de si mesmo, isto é, o cuidado de si tinha como meta um processo de subjetivação, através do qual um sujeito, em princípio assujeitado pelas relações de poder, é capaz de agir sobre si mesmo, transformando-se e criando-se. Não se concebia uma “essencialidade” do sujeito, um núcleo interior inalienável; ele é sempre construção, mais heterônoma às vezes, mais autônoma outras vezes, mas sempre produzido. Numa suposta “cultura de si” contemporânea, animada pelas técnicas psi, pensa-se numa “verdade intrínseca de si mesmo”, que pode ser acessada e recuperada por essas técnicas. Não se trata, pois, de um processo de criação de si mesmo, mas de uma suposta redescoberta de si. Por essa razão, uma transferência *ipsis literis* do cuidado de si para nosso tempo não faria qualquer sentido. De outro lado, Foucault aponta a responsabilidade do cristianismo na diferenciação da cultura de si. Ainda que as técnicas psi às quais nos referimos não sejam necessariamente “cristãs”, elas são tributárias desta mudança de cultura, que afirmou a renúncia a si como preço a ser pago pela salvação da alma. O que procura fazer essa cultura de si hoje é recuperar o acesso a si mesmo, esse si ao qual se renunciou, mas como se esse si mesmo fosse uma essência, uma verdade interior que pode ser descoberta pelas técnicas de acesso ao inconsciente. Logo, processo totalmente distinto das técnicas antigas de subjetivação como construção de si.

Enfim, não faria sentido nos alongarmos nessa análise. O que nos interessa é apenas demarcar que Foucault tinha clareza de que se há uma cultura de si em nossos tempos, ela é radicalmente distinta da cultura de si antiga que ele estudou. Isso implica que não podemos transportar o princípio do cuidado de si, central naquela cultura antiga, para nossos dias. Ele não faria qualquer sentido nessa cultura de si contemporânea, marcada por outros aspectos e centrada em outras práticas. Mas isso não significa que o cuidado de si não possa ser tomado como operador conceitual e analítico para uma leitura crítica de nosso presente. Ao contrário, aí reside seu potencial e aí está a riqueza daquilo que nos ofereceu Foucault com seu trabalho sobre a antiguidade.

Referências

DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. *Michel Foucault beyond structuralism and hermeneutics*. 2. ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1983.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade II – O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I – A vontade de saber*. 6. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985a.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade III – O cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985b.

FOUCAULT, M. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.

FOUCAULT, M. *Ditos e Escritos - V*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b.

FOUCAULT, M. *Ditos e Escritos - IX*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

FOUCAULT, M. *Histoire de la Sexualité IV – Les aveux de la chair*. Paris: Gallimard, 2018.

FOUCAULT, M. *La sexualité* suivi de *Le discours de la sexualité*. Paris: EHESS; Gallimard; Seuil, 2018.

GALLO, S. Do cuidado de si como resistência à biopolítica. In: VEIGA-NETO, A.; CASTELO BRANCO, G. (Org.). *Foucault - filosofia e política*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 371-391.

LIPOVETSKY, G. *A sociedade pós-moralista*. São Paulo: Manole, 2005.